

Teatro & Dança

Margarida Vila-Nova (Inês de Castro) e José Neves (D. Pedro I) em "Reinar Depois de Morrer"



RUI MATEUS/LUANA SANTOS

Uma história imortal

O amor na sua versão de impossibilidade trágica é o centro de uma obra que ecoa, fortemente, ainda hoje

TEXTO JOÃO CARNEIRO

O escritor espanhol Luís Vélez de Guevara (1579-1644) terá escrito mais de quatrocentas obras, na sua maioria peças de teatro; até nós chegaram cerca de cem. "Reinar Depois de Morrer" é considerada uma das suas melhores peças; nunca deixou de ser representada em Espanha, até cerca de meados do século XX, altura em que versões mais tardias da mesma temática ganharam preponderância.

O tema da peça é a história dos amores de Inês de Castro e de D. Pedro de Portugal. Inês chega a Portugal em 1340, na comitiva de D. Constança Manuel, nobre castelhana com quem casou o príncipe D. Pedro, filho de D. Afonso IV. Entre o infante e Inês de Castro as relações começaram quase de imediato; depois da morte de D.

Constança Manuel, D. Pedro passa a viver praticamente maritalmente com D. Inês, de quem tem quatro filhos. Por causa dessa relação, D. Pedro recusa o casamento com Blanca de Navarra, conveniente à política portuguesa, enquanto as relações com Inês de Castro, e com a família da dama, ameaçam intervir desfavoravelmente nas relações entre Portugal e Castela. Em 1355, em grande parte influenciado pelos seus conselheiros Diogo Lopes Pacheco, Pedro Coelho e Álvaro Gonçalves, e cedendo também a uma opinião popular que via com maus olhos aquela relação do infante D. Pedro, D. Afonso IV consente na morte, ou decide mandar matar Inês de Castro. Quando acede ao trono, em 1357, D. Pedro persegue os ministros/conselheiros, matando dois deles.

Cedo se foi construindo uma lenda em torno dos factos históricos, centrada na ideia de amor contrariado e impossível, na figura de pureza e inocência de Inês de Castro, e na crueldade da vingança real, com pormenores fantasistas e macabros como a coroação póstuma de Inês de Castro, rainha a cujo cadáver os súbditos teriam sido obrigados a beijar a mão. A história teve uma fortuna literária imensa em Portugal, com exemplos maiores na obra de Garcia de Resende, Luís de Camões, António Ferreira, António Patrício e Agustina Bessa-Luís, para citar apenas alguns nomes; e além da literatura, também a música, o bailado e o cinema nunca deixaram, até hoje, de tratar este tema, um dos mais fecundos da história cultural portuguesa.

Em 1942, estreia na Comédie Française a peça de Henry de Montherlant (1895-1972) "La Reine morte" ("A Rainha Morta"), inspirada na peça de Guevara. Apesar de todas as diferenças que possamos imaginar entre as duas obras — a começar pelo tempo em que foram escritas — em ambas as personagens centrais são Inês de Castro, D. Pedro, Blanca de Navarra e o rei, D. Afonso IV, este último com um peso maior na versão de Montherlant.

A peça de Guevara foi escrita em verso, e Nuno Júdice, na tradução que o encenador, Ignacio García, refere como "um trabalho maravilhoso", procurou recriar o espírito dos ritmos originais. O núcleo conflitual resultante do desencontro entre o amor e o poder tem a sua tradução na construção das personagens — Inês e Pedro, Blanca e Afonso IV — bem como em flutuações de registo dramático-literário, quer no aspeto da mobilidade e variação rítmica dos versos quer na articulação dos factos com um discurso lírico complexo, de linguagem barroca, essencialmente conceptista. Assim se cria um ambiente progressivamente moldado por uma espécie de fantasia onírica, na qual a sombra da morte se vai projetando com peso cada vez maior até ao final.

Margarida Vila-Nova, José Neves, Ana Cris e João Lagarto interpretam as personagens centrais — Inês, Pedro, Blanca e D. Afonso IV, respetivamente. O cenário é de José Manuel Castanheira, os figurinos são de Ana Paula Rocha e a versão dramatúrgica é de José Gabriel López Antuñano. ●

REINAR DEPOIS DE MORRER

De Luis Vélez de Guevara

Teatro Municipal Joaquim Benite, Almada, de 25 de outubro a 17 de novembro